

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Veterinária**

FATORES RELACIONADOS A DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO EM GATOS

Juliane Elisabeth Gress Paz

Porto Alegre

2013

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Veterinária

FATORES ASSOCIADOS A DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO EM GATOS

Autor: Juliane Elisabeth Gress Paz

Monografia apresentada à Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção da Graduação em Medicina Veterinária.

Orientador: Fernanda Vieira Amorim da Costa

Coorientador: Gustavo Machado

Porto Alegre

2013

Dedico

à uma certa escaminha de tartaruga muito amada que ao longo de seus 12 anos já apresentou quase todos os problemas de comportamento citados e, por isso, foi a minha inspiração para esta pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora pelo apoio e incentivo desde o início, por me transmitir não só conhecimento como também o entusiasmo e o fascínio pela clínica de gatos.

Agradeço ao meu coorientador pela paciência de responder as centenas de dúvidas e não se importar de repetir as explicações quantas vezes fosse preciso.

Aos meus pais e amigos que estiveram sempre comigo e entenderam minhas ausências.

RESUMO

Os distúrbios de comportamento apresentam importância não só no bem estar animal e na qualidade da relação humana-animal como também na questão da saúde pública. Sabe-se que os problemas de comportamento são uma das principais razões de abandono de animais em abrigos e eutanásia. Além disso, a agressividade é um fator de risco para transmissão de zoonoses. Para este estudo, um questionário foi construído e aplicado em tutores de gatos, informações de 119 gatos foram coletadas de um hospital veterinário universitário, no período de fevereiro a dezembro de 2013, com intuito de descobrir a frequência dos problemas de comportamento nessa população e possíveis fatores relacionados à manifestação desses problemas. Arranhadura em móveis foi o problema comportamental mais frequente (61,3%) seguido de agressividade (45,3%), eliminação inapropriada (38,6%), vocalização excessiva (26%), distúrbio auto-lesivo (11,7%) e ansiedade (7,5%). Acesso à rua, inexperiência do tutor com gatos e gatos vindos de criadores foram fatores relacionados à maior chance do gato apresentar agressividade. Gatos cujo tutor não notava se o animal importava-se de ficar sozinho, apresentaram menor chance de serem agressivos. Gatos que não se importavam de ficar sozinhos, segundo o tutor, tiveram menos chance de apresentarem vocalização excessiva. Entretanto, gatos que tinham como característica busca de atenção tinham maior risco. Gatas tricolores e gatos assustados foram mais propensos a ter uma relação ruim ou indiferente com outros gatos. Fêmeas parecem ter maior chance de apresentar eliminação inapropriada assim como casas com múltiplos gatos. Animais que tinham arranhador disponível apresentaram menos chance de arranhar móveis. Os resultados desse estudo podem ajudar a prevenir problemas comportamentais em felinos domésticos.

Palavras-chave: etologia, comportamento, agressividade, eliminação, felinos.

ABSTRACT

Behavior disorders are important not only in animal welfare but also on the quality of human - animal relationship as well as on public health. It is known that behavior problems are one of main reason of abandonment of animals in shelters and euthanasia. Aggression has been linked to the causal effect as a risk factor for transmission of zoonosis. For this study a questionnaire was build and applied on cats tutors, information of 119 cats were collected from an university vet hospital during February up to December 2013 aiming to find out the frequency of behavioral problems in this population and possible factors related to the appearance of these problems. Scratching on furniture was the most common behavioral problem (61.3%) followed by aggressiveness (45.3%), house soiling (38.6%), excessive vocalization (26%), self- injurious disorder (11.7%) and anxiety (7.5%). Street access, inexperience tutor with cats and cats from breeders were more likely to display aggression. Cats, whose tutor's did not notice if the animal cares to stay alone, were less likely to be aggressive. Cats that did not care to be alone, according to the tutor, had less chance of showing excessive vocalization. However, cats that had characterized seeking attention had greater risk. Tricolored cats and scared cats are more likely to have a bad or indifferent relationship with other cats. Females appear to have higher chance of having house soiling as well as homes with multiple cats. Animals that had a scratching post were less likely to scratching furniture. The results of this study may help prevent behavioral problems in domestic cats.

Key-words: *etology, behaviour, aggressivity, house soling, cats.*

LISTA DE ABREVIATURAS

DTUIF: Doença do Trato Urinário Inferior Felino

IC: Intervalo de Confiança

RR: Risco Relativo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Associação entre presença/ausência de arranhador e arranhadura em móveis.	17
Tabela 2. Fatores relacionados à agressividade.	18
Tabela 3. Fatores relacionados com uma relação ruim ou indiferente com outro(s) gato(s) .	18
Tabela 4. Fatores relacionados à eliminação inapropriada.	19
Tabela 5. Fatores relacionados à vocalização excessiva.	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 Agressividade	11
2.2 Eliminação Inapropriada	12
2.3 Distúrbios Auto-lesivos	13
2.4 Vocalização Excessiva	13
2.5 Ansiedade	14
2.6 Arranhadura em Móveis	14
3 MATERIAIS E MÉTODOS	16
4 RESULTADOS	17
5 DISCUSSÃO	21
6 CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A – Parecer do CEP	30
APÊNDICE B – Termo de consentimento	32
APÊNDICE C – Questionário	33

1 INTRODUÇÃO

Acredita-se que a relação entre gatos e humanos iniciou cerca de 10 mil anos atrás. Essa relação deu-se na forma de mutualismo, pois os gatos eram atraídos por ratos que comiam os grãos destinados a alimentação humana. Diferente do cão, a domesticação do gato não resultou, a princípio, em modificações no comportamento natural do gato nem seleção genética (OVERALL, 1997a). Por isso, existe uma discussão de que os gatos teriam se “autodomesticado”, ou seja, que o homem não teve papel algum nas mudanças, exceto permitindo o convívio próximo dos gatos e fazendo com que aumentasse suas chances de sobrevivência e sucesso reprodutivo. Posteriormente, a influência do ser humano na domesticação dos gatos se deu de forma gradual e cada vez mais significativa (PRICE, 1984). Por esses motivos, os gatos domésticos mantêm muitas características comportamentais de seus antecessores selvagens (GRIFFIN e HUME, 2006).

Alguns problemas como arranhadura de móveis ou marcação do ambiente com urina são comportamentos normais do gato na natureza que, em casa, tornam-se indesejáveis (CASSEY *et al.*, 2008). A definição mais apropriada de problema comportamental é qualquer comportamento apresentado pelo animal que é inaceitável para o tutor (AMAT *et al.*, 2009). Existe ainda outra classificação que separa os problemas de comportamento em normais e anormais, aceitáveis e inaceitáveis (BEAVER, 1994; BORCHET e VOITH, 1982; KNOL, 1994, VOITH e MARDER, 1988). Comportamentos anormais podem ser resultantes de aprendizagem ou processos patológicos (BEAVER, 2003).

Segundo Mertens e Shär (1988), o comportamento do gato e sua relação com os humanos são influenciados por três grupos de características: as condições ambientais, a personalidade do tutor e a personalidade do gato. De acordo com Turner (1991), muitos problemas de comportamento resultam de uma falha ao considerar as necessidades do gato, as condições ambientais ou mudanças, as expectativas irreais do tutor ou da interação inadequada entre tutor e gato.

Os problemas de comportamento mais frequentemente citados na literatura são: eliminação em local inapropriado, agressividade, comportamento compulsivo, vocalização excessiva, medos/fobias, arranhadura de móveis e ansiedade (AMAT *et al.*, 2009; FATJÓ *et al.*, 2006; HEIDENBERGER, 1997; MORGAN e HOUP, 1990; SOUZA-DANTAS *et al.*, 2009). Nos estudos realizados sobre o assunto, encontra-se a agressividade e a eliminação inapropriada como os problemas mais frequentes (AMAT *et al.*, 2009; FATJÓ *et al.*, 2006; HEIDENBERGER, 1997; SOUZA-DANTAS *et al.*, 2009).

O desenvolvimento de distúrbios de comportamento é uma das principais causas de abandono de gatos (MILLER *et al.*, 1996). Segundo Heath (2005) os problemas comportamentais foram responsáveis por 7% dos casos de abandono em um abrigo de animais.

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro apontou que agressividade (40,2%), arranhadura (35,8%) e eliminação inapropriada (28,3%) foram as razões mais frequentes para o abandono de gatos (SOUZA-DANTAS *et al.*, 2009).

Além disso, os distúrbios de comportamento podem ser uma ameaça à saúde pública. Em muitos estudos, a agressividade é um dos principais problemas relatados pelos tutores (AMAT *et al.*, 2009; HEATH, 2006; HEIDENBERGER, 1997; MORGAN e HOUPPT, 1990). Os arranhões e mordidas causados por comportamentos agressivos são preocupantes do ponto de vista das zoonoses, pois podem transmitir doenças como raiva e bartonelose (ROCHLITZ, 2000), além de interferir no bem-estar animal e na relação animal-tutor, que fica prejudicada. Segundo alguns estudos, a maioria das agressões direcionadas a pessoas são agressões relacionadas à brincadeira que podem ser facilmente evitadas quando dada correta orientação ao tutor do animal (AMAT *et al.*, 2009; CURTIS, 2008; RAMOS e MILLS, 2009).

O presente estudo teve como objetivo reconhecer os problemas comportamentais mais frequentes em felinos atendidos no Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Através de um questionário, pretendeu-se identificar fatores que possam estar correlacionados a esses distúrbios, que sejam intrínsecos ao gato, ao ambiente em que ele vive e ao tutor do animal. Objetivou-se encontrar fatores que sejam evitáveis ou minimizados e que sirvam de base para uma correta orientação do tutor dos animais, com o intuito de proporcionar um melhor convívio entre eles e a redução das taxas de abandono e transmissão de zoonoses.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No desenvolvimento do gato existe um período muito importante referido como período de socialização. Segundo Karsh e Turner (1988) o período de socialização com humanos se encontra entre a segunda e sétima semana de vida do gato. Nesse período, todos os vínculos sociais são formados e, por isso, é o período mais importante da vida do animal. Filhotes manipulados depois da segunda semana de vida se tornam mais seguros com humanos do que os que não foram manipulados até a sétima semana de vida. A manipulação do gato por várias pessoas de diferentes idades e sexo torna os filhotes menos apreensivos. O período mais importante para a socialização intraespecífica é entre três e seis semanas. Mesmo tomando-se os cuidados apropriados para a socialização, cerca de 15% dos gatos serão resistentes a socialização (BEAVER, 2003).

Além de falhas na socialização, outros fatores podem levar ou predispor o gato a apresentar problemas de comportamento. Raça, sexo, cor da pelagem, características do local que habitam, relação com o tutor, entre outros, podem levar o animal a apresentar distúrbios como agressividade, eliminação inapropriada, distúrbios auto-lesivos, vocalização excessiva, arranhadura em móveis e ansiedade (AMAT *et al.*, 2009; CASSEY, 2007; HEIDENBERGER, 1997; RAMOS e MILLS, 2009).

2.1 Agressividade

As causas da agressividade podem ser muitas, como agressividade por medo, dor, associada a carinho, por brincadeira, por falta de socialização, territorial, maternal, aprendida, sexual, predatória, redirecionada ou relacionada a doenças (BEAVER, 2003).

A agressividade representa 17% dos problemas de comportamento em gatos geriátricos (CHAPMAN e VOITH, 1987) e cerca de 35% dos problemas comportamentais em geral (BEAVER, 2003). A agressividade pode ser direcionada a pessoas ou entre gatos (intraespecífica). Existem várias classificações para a agressividade e diferentes autores fazem diferentes classificações (BEAVER, 2003; OVERALL, 1997b; SEKSEL, 2012). Basicamente, ela pode ser ofensiva ou defensiva, podendo-se ver a diferença de ambas através da postura corporal do animal porém, algumas vezes, o gato pode apresentar uma combinação de postura ofensiva e defensiva. Gatos com medo geralmente sibilam, rosnam, têm piloereção, as orelhas ficam baixas e junto à cabeça e a dilatação das pupilas é comum. Se a fuga não é bem sucedida, os gatos podem ser ofensivos e aprender que esse comportamento gera mais efeito (SEKSEL, 2012). Vocalizações e posturas ameaçadoras podem ser só um aviso do gato, porém essa postura poderá progredir para um ataque completo. Os sinais de

baixa intensidade são quando o gato agacha-se e coloca as orelhas levemente para trás. Os de média intensidade, quando o gato coloca as orelhas totalmente para trás, e sibila. Já os de alta intensidade são quando o gato arqueia-se, tem piloereção, o rabo na posição de “U” invertido e cabeça fica mais baixa que o corpo (BEAVER, 2003).

As causas mais comuns de agressividade contra pessoas incluem agressividade por brincadeira, medo, associada ao carinho, redirecionada, por dor ou agressividade maternal (CURTIS, 2008).

A agressividade felina tem uma incidência menor quando comparada a agressividade canina. Entretanto, a agressividade felina tem um importante papel na saúde pública, pelo risco de transmissão de zoonoses, como bartolenose e raiva (ROCHLITZ, 2000).

2.2 Eliminação Inapropriada

Primeiramente é preciso diferenciar os distúrbios de eliminação da marcação de território. A marcação em geral é feita pelos machos através da urina, mas fêmeas no estro também podem fazer marcação (BEAVER, 2003). A diferenciação de marcação e distúrbio de eliminação pode ser feita através das seguintes características: postura do gato durante a micção, localização dos depósitos de urina, uso de bandejas sanitárias e personalidade do gato. A marcação normalmente é depositada de forma vertical em paredes, portas, janelas ou móveis novos. Na marcação, o gato adota uma postura em pé, ficando de costas para a área a ser marcada. A ponta da cauda quase sempre tremerá e o gato sapateará ritmicamente com seus membros pélvicos (HEATH, 2006).

Outra consideração a ser feita é distinguir o problema comportamental de um problema de saúde, pois gatos com Doença do Trato Urinário Inferior Felino (DTUIF) podem apresentar a mesma sintomatologia (OVERALL, 1997b). Porém, em um estudo, foi verificado que apenas 15% dos gatos com DTUIF tinham distúrbio de eliminação (BEEBE e OVERALL, 1997b). Nesse estudo, concluiu-se também que aproximadamente um terço dos pacientes com distúrbio de eliminação tinham histórico de DTUIF em alguma fase da vida.

O distúrbio de eliminação é o problema comportamental mais comum em gatos, já que 47% a 50% dos tutores se queixam da existência desse problema com seus gatos e 10% a 24% dos felinos terão esse problema ao longo da vida (BEAVER, 2003).

O distúrbio de eliminação propriamente dito pode ter várias causas como aversão à caixa de areia, preferência por outros substratos, aversão ao local de eliminação, falta de higiene da caixa de areia ou falha no aprendizado (HEATH, 2006). Além disso, tem-se

relatado que o distúrbio de eliminação é o sintoma mais comumente relacionado à ansiedade de separação em gatos (SCHWARTZ, 2002).

2.3 Distúrbios Auto-lesivos

A alopecia psicogênica é caracterizada pelo excesso de lambedura (*self-grooming*) que é iniciada ou intensificada por causas não orgânicas e pode persistir além de uma resolução orgânica (YOUNG e MANNING, 1994).

Nervosismo, desejo por contato humano e outros fatores estressantes podem ser expressados na forma de lambedura excessiva principalmente por gatos Siameses e Absínios (HART, 1976; SCHWARTZ, 1996). Esse comportamento pode também ser desencadeado por alergias de pele ou parasitismo (BOWEN *et al.*, 2005) e aparece com mais frequência em gatos sem acesso à rua (MOON-FANELLI *et al.*, 1999). Amat *et al.* (2009) encontrou esse problema em 3,5% dos gatos estudados. Um estudo realizado com 800 gatos com histórico de dermatoses, encontrou o diagnóstico de dermatose psicogênica em 34 (4,3%) gatos (NESBITT e KEDAN, 1985).

A alopecia na região dos flancos, base da cauda, abdômen ventral e coxas mediais é um sinal clássico de alopecia psicogênica. Além disso, através na microscopia do pelo, pode-se observar que estes encontram-se quebrados na haste, o que sugere prurido. (CHANDLER *et al.*, 2006). É importante salientar que a alopecia psicogênica só deve ser considerada após descartadas todas outras causas de prurido ou alopecia. Isso deve ser feito através de exame clínico detalhado, tratamento para ectoparasitas, cultura fúngica, restrição alimentar e biópsia de pele (WERNER e MANIGOT, 2002; SCOTT *et al.*, 2001). Se esses exames forem negativos, ainda pode-se usar glicocorticoides que elimina o prurido de causa orgânica, porém não tem efeito algum sobre a alopecia psicogênica (SCOTT *et al.*, 2001).

Urinálise, hemograma e exames bioquímicos também são fundamentais para descartar doenças como hipertireoidismo, hiperadrenocorticismismo e *diabetes melitus*, além de doenças urinárias que podem causar dor ou desconforto fazendo com que o animal acabe mutilando a área genital (WERNER e MANIGOT, 2002).

2.4 Vocalização Excessiva

Geralmente esse problema é associado a gatos Siameses e fêmeas em estro, porém esse comportamento também aparece em mudanças dramáticas na vida do gato, como por exemplo um gato com acesso à rua mudar-se para um apartamento sem acesso à rua (HOUP, 2002).

2000). Amat *et al.* (2009) encontrou esse distúrbio em 2,5% dos gatos estudados e Morgan e Houpt (1990) em 16%.

A vocalização excessiva pode ser um comportamento aprendido pelo gato para obter atenção do dono (BEAVER, 2003), mas também pode estar relacionada a problemas como disfunção cognitiva, hipertireoidismo, hipertensão ou dor (HOUPPT, 2001; OVERALL, 1997b; EGNER, 2011).

2.5 Ansiedade

Ansiedade é a antecipação de um perigo futuro ou infortúnio. Diferente do medo que é de início agudo e duração transitória, a ansiedade é um estado mais crônico de apreensão inespecífica (SEKSEL, 2012).

Segundo um estudo, o maior estímulo para ansiedade em gatos é a visita por estranhos. Esse estudo caracterizou a ansiedade como o gato que foge e esconde-se, sai correndo ou abaixa-se com a cauda escondida. A idade da adoção do gato parece relevante nesse problema, gatos adotados dentro da faixa etária de cinco meses a cerca de um ano na maioria das vezes exibiram problemas de ansiedade mais tarde. Além disso, gatos que passam mais de duas horas sozinhos também apresentam maior índice de ansiedade (HEIDENBERGER, 1997).

A ansiedade pode ser causada por falha na socialização, influência genética ou experiências traumáticas (BOWEN e HEATH, 2005).

A prevalência atual da ansiedade é desconhecida, mas é provavelmente o distúrbio mais comum em animais de estimação (SEKSEL, 2012). Uma pesquisa apresentou que a ansiedade é responsável por mais de 90% dos atendimentos veterinários (DENENBERG *et al.*, 2005). Muitos casos que se apresentam na clínica veterinária como vômito, diarreia e problemas de pele podem ser causados ou influenciados pela ansiedade (SEKSEL, 2012).

2.6 Arranhadura em Móveis

A arranhadura faz parte do comportamento inato dos felinos. Esse comportamento é um instrumento de comunicação que ajuda o gato a modular as interações sociais. Os gatos apresentam glândulas interdigitais e através da arranhadura eles deixam marcas visuais e olfatórias (OVERALL, 1997a). Além disso, tem a função de remover as camadas superficiais da unha e afiá-las (HEATH, 2006).

A prevenção desse comportamento é fácil se o tutor providenciar um local apropriado para o gato afiar as unhas desde pequeno (BEAVER, 2003). É importante notar que alguns

gatos preferem arranhar na posição vertical e outros na horizontal. O arranhador deve ser alto o suficiente para o gato esticar-se e ser feito de um material que o gato tenha preferência (HOUPT, 2000).

Heidenberger (1997) encontrou esse problema em 15,2% dos gatos estudados e Morgan & Houpt (1990) em 60%.

3 MATERIAL E MÉTODOS

No período de fevereiro a novembro de 2013 foram aplicados 119 questionários em tutores que aguardavam consulta no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os gatos participantes do estudo deveriam ter idade superior a cinco meses. Antes da sua realização, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e devidamente cadastrado na Plataforma Brasil (Apêndice A). Todos os tutores que responderam ao questionário assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e concordância para a publicação dos dados obtidos (Apêndice B).

O questionário foi dividido em três segmentos: o primeiro referente a características do tutor do animal e ambiente onde ambos vivem, seguido de informações intrínsecas ao gato e o último segmento aborda os problemas comportamentais propriamente ditos. Nessa parte, foi avaliado se o gato apresenta os seguintes problemas de comportamento: agressividade contra pessoas, agressividade contra animais, distúrbios de eliminação, ansiedade, distúrbios auto-lesivos, arranhadura em móveis e vocalização excessiva (Apêndice C).

A validação do questionário foi realizada antes do início de aplicação do mesmo através de uma validação semântica com intuito de evitar que uma mesma assertiva possa ter mais de uma interpretação. Isto porque caso os respondentes entendam de forma diferente o significado de determinada assertiva, a interpretação desta, na análise fatorial, é prejudicada. A validação semântica também é útil para que a linguagem utilizada no questionário fique mais próxima da linguagem dos respondentes e assim o entendimento das assertivas seja facilitado, não causando fadiga e incompreensão por parte dos respondentes.

Para análise dos dados, os mesmos foram armazenados em planilhas Excel e analisados por meio de estatística descritiva, distribuição de frequências, construção de tabelas de contingência e regressão logística univariada. As variáveis independentes (questões intrínsecas e extrínsecas do gato e do ambiente) foram analisadas baseadas nas variáveis respostas (distúrbios de comportamento), variáveis com dados faltantes (>10%) e com variabilidade limitada (<20%) foram excluídas para as análises de regressão. As variáveis remanescentes foram analisadas de forma univariada considerando diferença significativa $P < 0.05$. Todas as análises foram realizadas na linguagem R v.2.15.2 (R development Core Team®, 2012; packagedEpiCalc).

4 RESULTADOS

A maioria dos entrevistados eram mulheres (79%) com idade entre 17 e 73 anos, sendo a média 44,5 anos. Um total de 119 animais foi incluído no estudo com média de idade de 6,2 anos, distribuídos em 50 fêmeas (42%) e 69 machos (58%). Quanto ao acesso à rua, 71 gatos tinham acesso e 48 não tinham. Os gatos foram classificados conforme cor da pelagem em amarelos (15 gatos), não amarelos (91 gatos) e tricolores (13 gatos).

O problema comportamental mais comum foi arranhadura em móveis (61,3%), seguido de agressividade (45,3%), eliminação inapropriada (38,6%), vocalização excessiva (26%), distúrbios auto-lesivos (11,7%) e ansiedade (7,5%).

A arranhadura em móveis teve associação com ausência de local próprio para arranhar, gatos que tinham local próprio para arranhar apresentaram menor chance de arranhar móveis, demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1. Associação entre presença/ausência de arranhador e arranhadura em móveis.

Variáveis	Nº de gatos	Frequência (%) ou mediana (S.D.)	Valor de P	RR (IC 95%)
<i>Arranhadura em móveis</i>				
Arranhador disponível	119		0.03	
Sim		69		0.18 (0.04-0.70)*
Não		50		-

*Valores significativos considerando $P < 0,03$.

Em relação à agressividade, os fatores de risco foram gatos com acesso à rua, tutores sem experiência prévia com gatos e animais vindos de criadores. Como fator de proteção encontrou-se animais em que os tutores não notavam se o gato se importava ou não de ficar sozinho.

Agressividade contra pessoas foi mais frequente do que agressividade intraespecífica, sendo presente em 39 gatos, e 22 animais apresentaram os dois tipos de agressividade. Quando ligada a pessoas, o motivo mais frequente foi associada ao carinho (41%) e, em segundo lugar, associado à brincadeira (38,4%).

A Tabela 2 ilustra quais fatores foram mais fortemente relacionados com agressividade de maneira geral.

Outro fator analisado foi a relação entre os gatos, conforme ilustrado na Tabela 3, a cor da pelagem e a característica de ser assustado foram relevantes no estabelecimento dessa relação.

Tabela 2. Fatores relacionados à agressividade.

Variáveis	Nº gatos	Frequência (%) ou mediana (S.D.)	Valor de P	RR (IC 95%)
Agressividade				
Acesso à rua	119		0.03	
Sim		71		1.39 (1.00-1.92)*
Não		48		-
Primeiro gato	119		0.02	
Sim		26		2.85 (1.33-6.11)*
Não		93		-
Origem do animal	119		0.05	
Rua		61		-
Nasceu na casa		16		0.65 (0.24-1.74)
Pet/agro		14		1.44 (0.57-3.81)
Outra pessoa		13		1.23 (0.45-3.37)
Criador		9		5.04 (1.26-20.08)*
Abrigo		6		2.88 (0.65-12.69)
Ficar sozinho	119		0.05	
Não se importa		55		0.35 (0.03-0.32)
Importa-se		47		-
Não noto		17		0.24 (0.08-0.71)*

* Valores significativos considerando $P < 0,03$, $P < 0,02$ e $P < 0,05$

Tabela 3. Fatores relacionados com uma relação ruim ou indiferente com outro(s) gato(s).

Variáveis	Nº gatos	Frequência (%) ou mediana (S.D.)	Valor de P	RR (IC 95%)
Relação ruim/indiferente				
Assustado	119		0.01	
Sim		28		3.62 (1.52-8.63)*
Não		91		-

Coloração pelo			0.02	
Amarelo	119	15		-
Não amarelo		91		1.83 (0.48-6.98)
Tricolores		13		11.00 (1.98-60.99)*

* Valores significativos considerando $P < 0,01$ e $P < 0,02$.

Quanto à eliminação inapropriada, 46 animais já haviam apresentado em algum momento da vida. Desses, 22 eram na forma de urina, seis fezes e 18 ambos. Identificou-se através da descrição da postura do animal e áreas onde urinavam que em 11 casos tratava-se de marcação de território. Desses, apenas três gatos não eram castrados sendo dois machos e uma fêmea.

Quando não foram identificadas características de marcação territorial, observou-se que em 28,5% dos casos a comida ficava próxima à vasilha sanitária, porém, essa relação não foi estatisticamente significativa.

A Tabela 4 apresenta os fatores relacionados à eliminação inapropriada de maneira geral. Percebe-se um risco maior relacionado a fêmeas e residências com até 10 gatos.

Tabela 4. Fatores relacionados à eliminação inapropriada

Variáveis	Nº gatos	Frequência (%) ou mediana (S.D.)	Valor de P	RR (IC 95%)
<i>Eliminação inapropriada</i>				
Sexo			0.02	
Macho	119	69		-
Fêmea		50		2.38 (1.26-4.49)*
Nº gatos	119		0.01	
Um		39		-
Até 3		44		3.12 (1.37-7.09)*
4-10		18		4.68 (1.69-12.93)*
Mais de 10		18		3.00 (1.08-8.28)*

* Valores significativos considerando $P < 0,02$ e $P < 0,01$.

Tutores de 31 gatos afirmaram que os animais apresentavam vocalização excessiva, miando sem motivo aparente. Houve relação nos gatos que não se importavam de ficar

sozinhos, segundo o tutor, e em gatos que tinham como característica busca de atenção, como demonstra a Tabela 5.

Tabela 5. Fatores relacionados à vocalização excessiva.

Variáveis	Nº gatos	Frequência (%) ou mediana (S.D.)	Valor de P	RR (IC 95%)
<i>Vocalização excessiva</i>				
Ficar sozinho	119		0.02	
Importa-se		47		-
Não se importa		55		0.35 (0.16-0.76)*
Não noto		17		0.49 (0.17-1.49)
Busca atenção	119		0.03	
Sim		52		2.39 (1.19-4.78)*
Não		67		-

* Valores significativos considerando $P < 0,02$ e $P < 0,03$

Com relação aos distúrbios auto-lesivos, foi perguntado quanto à lambedura excessiva e apenas 14 animais apresentaram esse problema, não sendo estatisticamente relacionada a nenhum fator. Isto ocorreu também no quesito ansiedade, pois nove gatos foram considerados ansiosos pelos tutores, mas não se encontrou fator predisponente para que isso ocorra.

5 DISCUSSÃO

O problema de comportamento mais frequente foi arranhadura de móveis (61,3%), seguido de agressividade (45,3%), eliminação inapropriada (38,6%), vocalização excessiva (26%), distúrbios auto-lesivos (11,7%) e ansiedade (7,5%). Esse resultado é bastante semelhante ao encontrado por Morgan e Houpt (1990) onde arranhadura em móveis também foi o problema mais comum com 60% dos casos, seguido de agressividade com 36%, eliminação inapropriada e vocalização com 16%. Outros estudos encontram eliminação inapropriada como principal problema de comportamento (BORCHELT e VOITH, 1996; FATJÓ *et al.*, 2006; SOUZA-DANTAS *et al.*, 2009). Já Amat *et al.* (2009) encontrou agressividade como sendo o mais comum.

A arranhadura é um comportamento inato dos felinos que não deve ser combatido, mas sim redirecionado para locais adequados (BEAVER, 2003). A presença de local próprio para arranhar representou um menor risco dos gatos arranharem móveis. Esse resultado reforça a importância do tutor fornecer um local próprio para o gato arranhar desde pequeno, pois uma vez que o gato escolha um local para arranhar ele continuará usando esse local sempre (MARDER, 1997). A escolha do local adequado também é importante, a maioria dos gatos prefere afiar as unhas em locais próximos as áreas de descanso e áreas de entrada e saída da casa (CASE, 2010). Além de fornecer arranhadores, é preciso observar a preferência do gato, pois alguns preferem arranhar na vertical e outros na horizontal (OVERALL, 1997a).

Quanto à cor da pelagem, encontrou-se que tricolores apresentam 11 vezes mais chance de ter uma relação ruim/indiferente com outros gatos comparados com gatos amarelos e não amarelos. O resultado encontrado pode ser comparado a uma pesquisa realizada por Delgado *et al.* (2012) que estudou a percepção das pessoas sobre a pelagem dos gatos e sua personalidade e encontrou diferenças significativas que sugerem que gatos amarelos são mais amigáveis, gatos tricolores mais intolerantes e indiferentes e gatos brancos tímidos e indiferentes. Outro estudo sugere que gatos tricolores estariam envolvidos mais frequentemente em casos de agressividade direcionada a pessoas (STELow *et al.*, 2013). No presente estudo, essa variável foi analisada, porém não foi encontrada relação entre cor da pelagem e agressividade contra pessoas. Segundo Beaver (2003) a epinefrina e a melanina apresentam a mesma via metabólica e o mesmo precursor é necessário para síntese de ambos. Entretanto, para melhor compreensão entre agressividade e cor da pelagem, são necessários mais estudos sobre genética comportamental nesses animais.

Outro fator que contribui para uma relação ruim/indiferente entre gatos foram os gatos considerados assustados pelos tutores. Esses apresentaram mais chances de não ter uma

relação amigável com outros gatos comparados com gatos normais. O resultado condiz com um estudo que diagnosticou agressividade por medo como sendo a causa mais comum de agressividade entre gatos principalmente quando há mudanças nos grupos de gatos de uma casa (BORCHELT e VOITH, 1987).

Os fatores que interferem na relação entre os gatos têm sido bastante estudados, uma pesquisa realizada com gatos na natureza sugere que eles são mais propensos a se aproximarem do gênero oposto (WOLFE *et al.*, 1997). Entretanto, Barry e Crowell-Davis (1999) não encontraram diferenças significativas no relacionamento entre os gêneros de gatos castrados sem acesso à rua. No presente estudo, a relação entre sexo e relacionamento entre os gatos não pode ser avaliada, pois não foi questionado o gênero dos gatos coabitantes.

Quanto à agressividade, animais com acesso à rua apresentaram mais chance de serem agressivos. Alguns estudos encontraram resultados semelhantes (LEVINE *et al.*, 2005; RAMOS e MILLS, 2009). Levine *et al.* (2005) sugere que gatos vindos da rua podem apresentar um cheiro diferente e então ser agredido por outros gatos da casa. Outra possibilidade é que o gato volte da rua excitado ou frustrado e redirecione a agressividade para outros gatos ou pessoas. Entretanto, alguns estudos encontraram resultado oposto, afirmando que gatos sem acesso a rua apresentavam mais problemas de comportamento (AMAT *et al.*, 2009; BUFFINGTON, 2002; HEIDENBERG, 1997; MERTENS e SCHÄR, 1988) . Nesse caso, seria importante avaliar a qualidade do ambiente do gato sem acesso à rua. Sabe-se que o gato deve ter acesso a pelo menos dois cômodos e, em casa com muitos gatos, cada gato deverá ter a oportunidade de se afastar pelo menos três metros dos outros gatos (BERNSTEIN e STRACK, 1996). Além disso, deve-se enriquecer o ambiente com espaços verticais e brinquedos que deem a oportunidade dos gatos expressarem seu comportamento natural (JONGMAN, 2007).

No presente estudo, a maior parte dos casos de agressividade era voltada contra pessoas. Fatjó *et al.* (2006) encontrou o mesmo resultado em uma pesquisa feita com veterinários. Entretanto, Borchelt *et al.* (1996) encontrou resultado oposto em um estudo com proprietários que afirmaram que os gatos eram mais propensos a serem agressivos com outros gatos do que com pessoas. Também Amat *et al.* (2009) encontrou maior porcentagem de agressividade intraespecífica (64%) do que contra pessoas (36%). Uma possibilidade para essa discrepância é que uma parte considerável dos tutores (33%) entrevistados possuíam apenas um gato na residência. Esse fator pode ter superestimado os casos de agressividade contra pessoas. Segundo Ramos e Mills (2009), a ausência de outros gatos representa um aumento de risco para agressividade contra pessoas.

Animais de tutores sem experiência prévia com gatos tiveram maior probabilidade de demonstrar agressividade quando comparados a animais de tutores que já tinham experiência com gatos anteriormente. Um estudo feito com cães encontrou resultado semelhante, associando alguns tipos de agressividade com donos que não tinham experiência prévia com cães (JAGOE e SERPELL, 1996).

Gatos adquiridos diretamente de criadores apresentaram mais chances de serem agressivos quando comparados a gatos vindos de outros locais. Amat *et al.* (2009) encontrou problemas de comportamento mais frequentes em gatos vindos de lojas de animais comparados a animais vindos de outras fontes (da rua, nascido em casa, abrigo de animais e criador). Muitas vezes supõem-se que animais vindos da rua poderiam ter mais chances de apresentar agressividade já que intui-se que tenham passado por mais fatores estressantes que animais vindos de criadores. Entretanto, um estudo realizado em um abrigo comparou o estresse entre gatos vindos da rua e gatos vindos de ambientes domiciliados. Como resultado, encontrou-se que animais vindos de ambientes domiciliados apresentavam nível de estresse maior do que os de rua. O autor do estudo sugeriu que gatos vindos de ambientes domiciliados tem um fator estressante resultante de uma separação social involuntária, sendo esse estresse muito recente quando comparado a possíveis estresses sofridos por gatos vindo da rua (DYBDALL *et al.*, 2007). No caso dos criadores, a separação social tanto intraespecífica como interespecífica também é independente da vontade do gato ao contrário do que pode acontecer com gatos de rua.

Os gatos cujos tutores não sabiam se eles importavam-se em ficar sozinhos apresentaram menores chances de serem agressivos. O objetivo dessa pergunta era analisar se os gatos poderiam ter algo semelhante a ansiedade de separação como ocorre nos cães. Entretanto o resultado encontrado nesse estudo difere com outro estudo onde eliminação inapropriada foi o principal sintoma associado à ansiedade de separação em gatos (SCHWARTZ, 2002). Gatos que não se importavam de ficar sozinhos apresentaram menor chance de ter vocalização excessiva. No estudo de Schwartz (2002), a vocalização aparece em segundo lugar como sintoma relacionado a ansiedade de separação em gatos.

Outros fatores também podem influenciar o gato a apresentar vocalização excessiva como problemas de saúde (HOUP, 2001; OVERALL, 1997b) ou esta pode ser aprendida através de reforço positivo (BEAVER, 2003). No presente estudo, a vocalização excessiva também foi relacionada a gatos que buscavam atenção dos tutores. Esse resultado sugere que esse comportamento pode ter sido estimulado pelo próprio tutor quando atendia o gato que estava vocalizando.

Quanto à eliminação inapropriada, encontrou-se maior risco de fêmeas apresentarem esse tipo de comportamento. Uma pesquisa feita no Japão encontrou resultado semelhante, associando fêmeas a distúrbios como eliminação inapropriada e nervosismo mais frequentemente do que machos (TAKEUCHI e MORI, 2009). No estudo de Heidenberger (1997), fêmeas castradas apresentavam problemas de comportamento com maior frequência.

Outro fator determinante nesse estudo para eliminação inapropriada foi o número de gatos na residência. Tutores com até três gatos tiveram cerca de três vezes mais chance dos gatos apresentarem esse distúrbio, e tutores com até dez, cerca de quatro vezes mais chances. Esse fator talvez esteja relacionado com a dificuldade de fornecer o número adequado de vasilhas sanitárias para o número de gatos. O número adequado de bandejas de areia é igual ao número de gatos mais uma extra (HOUP, 1985). Dos 119 animais, apenas quatro tinham a quantidade recomendada de vasilhas sanitárias. Os tutores com mais de dez animais na maioria das vezes permitiam que os gatos tivessem acesso à rua, esse fator pode ter contribuído para que o risco associado a eliminação inapropriada tenha sido um pouco menor quando comparado a tutores com até três gatos e tutores com até dez gatos.

Quanto à ansiedade não foi encontrado nenhum fator de risco, e por isso sugere-se estudos mais aprofundados para o diagnóstico correto da ansiedade em gatos. Nessa pesquisa só foi levada em conta a opinião do tutor podendo ter sido, portanto, mal avaliada já que há opiniões diferentes sobre esse tipo de comportamento.

A lambedura excessiva também não foi relacionada a nenhum fator predisponente relacionado ao gato, tutor ou ambiente. Esperava-se que essa estaria relacionada a gatos ansiosos, porém conforme já foi discutido, seria necessária uma melhor avaliação da ansiedade nesses animais. A lambedura é um dos padrões apontados como indicadores de estresse agudo em gatos (BOLKA, 1984). Tem-se sugerido que repetidas situações de estresse podem levar o gato a exacerbar o comportamento de lambedura, caracterizado como *overgrooming*. O que leva um gato a apresentar lambedura excessiva e outro não, passando os dois pela mesma situação estressante, ainda tem sido alvo de estudos. (WILLEMSE *et al.*, 1994). Em ratos, foi descoberta uma mutação genética que leva os animais a apresentarem lambedura excessiva com falhas de pelo e lesões na pele (GREER e CAPECCHI, 2002).

6 CONCLUSÃO

Através desse estudo foram encontrados fatores relacionados a distúrbios de comportamento em gatos. O risco de agressividade é maior em gatos com acesso à rua, cujo tutor não tinha experiência previa com gatos e gatos vindo de criadores. Apresentaram risco menor de agressividade animais em que os tutores não notavam se o gato importava-se de ficar sozinho. Gatas tricolores e gatos assustados apresentaram maior chance de ter uma relação ruim ou indiferente com outros gatos. Fêmeas apresentam maior risco de urinar ou defecar em local inapropriado assim como em residências com até três gatos e até dez gatos. Gatos que tiveram como característica busca de atenção frequente tem mais chances de ter vocalização excessiva, já gatos que não se importam de ficar sozinhos tem menos chance de apresentar esse comportamento. Por fim, a presença de um lugar próprio para arranhar diminui a chance do gato de arranhar móveis. Com base nesses dados, alguns comportamentos do gato inaceitáveis para os tutores podem ser evitados, melhorando relação humano-animal, prevenindo zoonoses e evitando o abandono.

REFERÊNCIAS

- AMAT, M. *et al.* Potential risk factors associated with feline behavior problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 121, p. 134-139, 2009.
- BARRY, K. J., CROWELL-DAVIS, S. L. Gender differences in the social behavior of the neutered indoor-only domestic cat. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 64, n. 6, p. 193-211, 1999.
- BEAVER, B. V. **Feline Behavior: a guide for veterinarians**. 2nd ed. United States of America: Elsevier Science, 2003.
- BEAVER, B. V. **The veterinarian's encyclopedia of animal behavior**. Iowa State: University Press, 1994.
- BERNSTEIN, P. L., STRACK, M. A game of cat and house: Spatial patterns and behavior of 14 domestic cats (*Felis catus*) in the home. **Anthrozoos**. v. 9, n. 1, p. 25-39, 1996.
- BOLKA, D. L. Normal, abnormal, and misdirected behaviour of cats. **Veterinary Record**, v. 5, p. 272-279, 1984.
- BORCHELT, P. L., VOITH, V. L. Aggressive behavior in cats. **Compend Contin Educ Vet Pract**, v. 9, p. 50, 1987.
- BORCHELT, P. L., VOITH, V. L. Classification of animal behavior problems. **Vet Clin North Am Small Anim Pract**, v. 12, p. 571-585, Nov. 1982.
- BORCHELT, P., VOITH, V. **Readings in Companion Animal Behavior**: Veterinary Learning Systems. Trenton, New Jersey, 1996.
- BOWEN, J., HEATH, S. Feline fear, anxiety and phobia problems. In: BOWEN, J., HEATH, S. **Behavior problems in small animals**, China: Elsevier, 2005, p. 163-175.
- BUFFINGTON, C. A. T. External and internal influences on disease risk in cats. **J. Am. Vet. Med. Assoc**, v. 220, p. 994-1002, 2002.
- CASE, L. P. Traing and problem prevention for puppies and kittens. In: _____. **Canine and Feline Behaviour and Training**, New York: Cengage Learning, 2010, p. 151-152.
- CASSEY, R.A., BRADSHAW, J.W.S. Owner compliance and clinical outcome measures for domestic cats undergoing clinical behavior therapy. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research**, v. 3, n. 3, p. 114-124, 2008.
- CHANDLER, E. A. *et al.* **Clínica e terapêutica em felinos**, São Paulo: Roca, 2006.
- CHAPMAN, B., VOITH, V.L. Geriatric behavior problems not always related to age. **DVM**, v. 18, n. 32, p.32-39, 1987.

CURTIS, T. M. Human-directed aggression in the cat. **Veterinary clinics of North America: Small animal practice**, v. 38, p. 1131-1143, 2008.

DYBDALL, K., STRASSER, R., KATZ, T. Behavioral differences between owner surrender and stray domestic cats after entering an animal shelter. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 104, p. 85–94, 2007.

DELGADO, M. M., MUNERA, J. D., REEVY, G. M. Human perceptions of coat color as an indicator of domestic cat personality. **Anthrozoos: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals**, v. 25, n. 4, p. 427-440(14), 2012.

DENENBERG, S. *et al.* A comparison of case referred to behaviorists in three different countries. In: MILLS, D., LEVINE, E. (eds). **Current issues and research in veterinary behavior medicine: papers present at the fifth veterinary behavior meeting**. West Lafayette: Purdue University Press, 2005. p. 56.

EGNER, B. Hypertension, systemic. In: NORSWORTHY *et al.* **The feline patient**. 4th ed. Iowa: Blackwell Publishing Ltd, 2011, p. 250-253.

FATJÓ, J., RUIZ-DE-LA-TORRE, J.L., MANTECA, X. The epidemiologic of behavior problems in dogs and cats: a survey of veterinary practitioners. **Animal welfare**, v. 15, p. 179-185, 2006.

GREER, J. M., CAPECCHI, M. R. Hoxb8 is required for normal grooming behavior in mice. **Neuron**, v. 33, p. 23-34, 2002.

GRIFFIN B., HUME K. R. Recognition and management of stress in housed cats. In AUGUST J. (ed): **Consultations in Feline Internal Medicine**, vol 5. St. Louis: Elsevier, 2006, p. 717-734.

HEATH, S. Problemas comportamentais comuns em felinos. In: CHANDLER, E.A., GASKELL, C.J., GASKELL, R.M. **Clínica e terapêutica em felinos**, São Paulo: Roca, 2006. p.41-56.

HEIDENBERGER, E. Housing conditions and behavioural problems of indoor cats as assessed by their owners. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 52, p.345-364, 1997.

HOUPT, K. A. Companion animal behavior: a review of dog and cat behavior in the field, the laboratory and the clinic. **Cornell Veterinarian**, v, 75, p. 248-261, 1985.

JAGOE, A., SERPELL, J. Owner characteristics and interactions and the prevalence of canine behaviour problems. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 47, p. 31-42, 1996.

JONGMAN, E. C. Adaptation of domestic cats to confinement. **Journal of Veterinary Behavior**, v.2, p. 193-196, 2007.

KARSH, E.B., TURNER, D.C. The human-cat relationship. In: TURNER, D.C. **The domestic cat: the biology of its behavior**, Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 193-206.

- KNOL, B. W. Social problem behavior in dogs: etiology and pathogenesis. **The Veterinary Quarterly**, v. 16, n. 51, p. 505, 1994.
- LEVINE, E. *et al.* Intercat aggression in households following the introduction of a new cat. **Appl Anim Behav Sci**, v. 90, p. 325-336, 2005.
- MARDER, A. Managing behavioral problems in puppies and kittens. **Small Animal Behavior Friskes PetCare**, p. 15-24, 1997.
- MERTENS, C., SCHÄR, R. Praktische aspekte der forschung an katzen. In: TURNER, D.C., BATESON, P.(ed). **Die domestizierte katze**, 1988. p. 216-231.
- MILLER, D. D. *et al.* Factors associated with the decision to surrender a pet to an animal shelter. **J. American Veterinary Medical Association**, v. 209, n. 4, p. 738-742, 1996.
- MOON-FANELLI, A. A., DODMAN, N. H., O'SULLIVAN, R. L. Veterinary models of compulsive selfgrooming: parallels with trichotillomania. In: CHRISTENSON, G. A. STEIN, D. J., HOLLANDER, E. (ed). **Trichotillomania: new developments**. Washington: American Psychiatric Press, 1999. p. 63-92.
- MORGAN, M., HOUP, K. A. Feline behavior problems: the influence of declawing. **Antozoos**, v. 3, p. 50-53, 1990.
- NESBITT, G. H., KEDAN, G. S. Differential diagnosis of feline pruritus. **Compendium on continuing education for the practicing veterinarian**, v.7, n.2, 1985.
- OVERALL, K. L. Miscellaneous Behavioral Problems: emphasis on management. In:_____. **Clinical behavior medicine for small animals**, ed 1. St. Louis: Mosby, 1997, p. 160-194 b.
- OVERALL K. L: Normal Feline Behavior. In:_____. **Clinical behavioral medicine for small animals**, ed 1. St. Louis: Mosby, 1997, pp 45-76 a.
- RAMOS, D., MILLS, D.S. Human directed aggression in Brazilian domestic cats. **Jornal of Feline Medicine and Surgery**, v. 11, n. 11, p. 835-841, 2009.
- ROCHLITZ, I. Feline welfare issues. In: TURNER, C., BATESON, P. (eds). **The Domestic Cat: the biology of its behavior**. Cambridge: University Press, 2000. p. 208-226.
- SEKSEL, K. Behavior Problems. In: LITTLE, S.E. **The cat: clinical medicine and management**. China: Elsevier saunders, 2012. p. 211-225.
- SCHWARTZ, S. Separation anxiety syndrome in cats: 136 cases (1991-2000). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 220, n. 7, 2002.
- SCOTT, D. W., MILLER, W. H., GRIFFIN, C. E. **Small animal dermatology**. 6th ed. Toronto: WB Saunders Co, 2001;625, p. 1066–1069.
- SOUZA-DANTAS, L.M. *et al.* Epidemiology of domestic cat behavioral and welfare issues: a survey of Brazilian referral animals hospitals in 2009. **International Journal of Applied Research in Veterinary Medicine**, v. 7, n. 3, p. 130-137, 2009.

STELow, L., BAIN, M., KASS, P. The Relationship Between Coat Color and Behaviors In The Domestic Cat. In: Veterinary Behavior Symposium, 2013, Chicago. **Resumo**, California, 2013.

PRICE, E. O. Behavioral aspects of animal domestication. **The Quarterly Review of Biology**, v. 59, n. 1, p. 1–32, 1984.

TAKEUCHI, Y., MORI, Y. Behavioral profiles of feline breeds in Japan. **The Journal of Veterinary Medical Science**, v. 71, n.8, p. 1053-1057, 2009.

TURNER, D.C. The ethology of behaviour problems in cats. **Practice**, v. 13, p. 43-50, 1991.

VOITH, V. L., MARDER, A. R. Introduction to behavior disorders. In MORGAN, R.V.(ed). **Handbook of small animal practice**, New York: Churchill Livingstone, 1988.

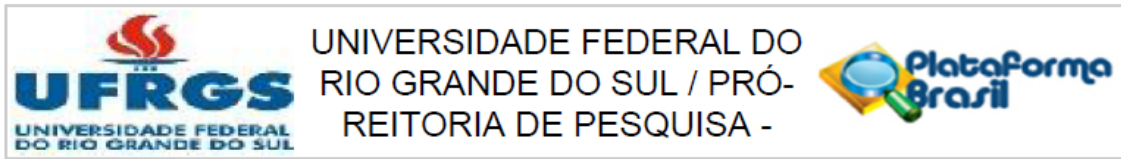
WERNER, A. H., MANIGOT, G. A. Diagnosing and treating psychogenic alopecia. In: THODAY, K. L., FOIL, C. S., BOND, R., eds. **Advances in veterinary dermatology**. Vol 4. Oxford, England: Blackwell Science Ltd, 2002, p. 280–281.

WILLEMSE *et al.* The effect of haloperidol and naloxone on excessive grooming behaviour of cats. **Eur. Neuropsychopharmacol.**, v. 4, p. 39–45, 1994.

WOLFE, R. C., SUNG, W., CROWELL-DAVIS, S. Individual and gender preferences in association in a free-ranging population of domestic cats. **Am Vet Soc Anim Behav**, v.19, n. 2, p. 4, 1997.

YOUNG, M.S., MANNING, T.O. Psychogenic dermatoses (dog and cat). **Dermatol Rep**, v.3, p. 1-8, 1994.

APÊNDICE A – Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FATORES RELACIONADOS A DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO EM GATOS

Pesquisador: Fernanda Vieira Amorim da Costa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 16104713.3.0000.5347

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/COMITÊ DE ÉTICA EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 336.239

Data da Relatoria: 04/07/2013

Apresentação do Projeto:

Retorno de diligência.

Objetivo da Pesquisa:

Retorno de diligência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Retorno de diligência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Retorno de diligência.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Retorno de diligência.

Recomendações:

Retorno de diligência.

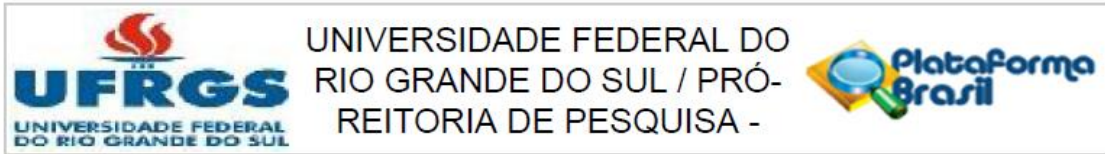
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O TCLE atualizado foi anexado na Plataforma. Portanto, o presente projeto pode ser aprovado por este CEP.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro			
Bairro: Farroupilha		CEP: 90.040-060	
UF: RS	Município: PORTO ALEGRE		
Telefone: (51)3308-3738	Fax: (51)3308-4085	E-mail: etica@propesq.ufrgs.br	



Continuação do Parecer: 336.239

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Encaminhe-se.

PORTO ALEGRE, 18 de Julho de 2013

Assinador por:
José Artur Bogo Chies
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 2º andar do Prédio da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

APÊNDICE B – Termo de consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu _____, tutor do paciente _____, ficha clínica do Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS número _____, estou ciente de que o animal pelo qual sou responsável estará participando do projeto de pesquisa: **“FATORES RELACIONADOS A DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO EM GATOS.”** O projeto será realizado através da utilização de um questionário respondido por mim sobre perguntas pessoais e referentes a características e condições ambientais do meu gato. Estou ciente que a pesquisa inclui riscos mínimos de aspecto psicológico para mim e que posso desistir da pesquisa ou me negar a responder a alguma questão sem prejuízo a mim ou meu animal. Estou ciente que as informações aqui coletadas servirão para melhoria da relação entre pessoas e animais, contribuindo para o bem-estar de ambos. Autorizo a realização desta pesquisa e concordo com a utilização e publicação das informações aqui colhidas para fins científicos. Estou ciente de que posso desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao meu animal. Os custos da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2013.

Assinatura:

RG:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – telefone: (51) 33083738

Pesquisador responsável: Fernanda V. Amorim da Costa

CRMV-8567 e-mail: fernanda.amorim@ufrgs.br

Aluna responsável: Juliane Elisabeth Gress Paz

E-mail: ju_paz@msn.com

APÊNDICE C - Questionário

As informações como nome, telefone e e-mail do proprietário não serão disponibilizadas publicamente e servirão apenas para validação do questionário.

Questionário Pesquisa de Comportamento Felino

Dados do proprietário

Nome: _____

Sexo: ()M ()F

Idade: ____

Telefone: _____

E-mail: _____

Escolaridade:

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo

Dados do animal

Nome: _____

Sexo: ()M ()F

Idade: ____/____anos/meses

Raça: _____

Pelagem: pelo curto () pelo médio () pelo longo ()

Cor:

() tigrado () preto e branco () siamês (colour point) () cinza () branco ()

preto

() tricolor () escama de tartaruga () cinza e branco () amarelo () outro

Residência:

() Casa () apartamento

Acesso à rua?

() sim () não () já teve () tem, com supervisão

1) É seu primeiro gato?

() Sim () Não, já tive ____ gatos antes dele

2) Adquiriu como?

() Da rua () Abrigo de animais () Pet shop/agropecuária () Criador () nasceu na casa

3) Sabe com que idade adquiriu?

() menos de 8 semanas (2 meses)

() filhote (menos de 6 meses)

- mais de 6 meses
- mais de 5 anos
- não sabe a idade, mas adulto

4) Castrou com que idade?

- menos de 6 meses
- mais de 6 meses
- mais de 1 ano
- mais de 5 anos
- não é castrado

5) Tem outros animais?

- não (**pular para questão 8**)
- sim, gatos. Quantos? ____
- Sim, cães. Quantos? ____
- sim, cães e gatos. Quantos? ____ (cão) ____ (gatos)

6) Qual a relação do gato com os outros animais?

- amigável
- indiferente
- ruim

7) Eles compartilham algum desses objetos:

- bandeja sanitária
- pote de comida

8) Onde os gatos se alimentam?

- cozinha
- área de serviço
- sacada
- quarto
- banheiro
- sala
- outro

9) Presença de crianças em casa?

- sim, quantas? __ Idade? __
- não

10) Quantas bandejas de areia? _____ Tipo de areia: _____

11) Onde fica(m) a(s) bandeja(s) sanitária(s)?

- cozinha
- área de serviço
- sacada
- quarto
- banheiro
- outro

12) As bandejas ficam todas no mesmo local?

- sim
- não

13) Grau de atividade/brincadeira do gato. Sozinho, com o dono ou com outros animais.

- alto
- médio
- baixo

14) Os gatos têm acesso a todos os cômodos da casa?

- sim
- não. Qual? _____

15) Costuma ou costumava brincar com o gato com as mãos ou pés?

- sim
- não, só com brinquedos
- não costumo interagir com ele

16) O gato tem um local apropriado para arranhar?

- sim:

- arranhador vertical arranhador horizontal ambos árvores, troncos
 outro
 não

17) Quanto tempo o gato fica sozinho em casa? (companhia humana)

- nunca fica sozinho
 menos de 2 horas
 menos de 5 horas
 mais de 5 horas

18) Qual nível de afetividade tens com o gato?

- alto nível médio nível baixo nível

19) Escolha pelo menos uma característica típica do seu gato

- busca de atenção afetuoso assustado ansioso tímido
 medroso leal ligado curioso

20) Quanto aos seguintes comportamentos:

- a) Afeição:
 reduzida aumentada irritável normal
- b) Ficar sozinho:
 não gosta não se importa não noto
- c) Medroso/tímido:
 sim, em que situação? _____ não
- d) Agressivo (rosna, sibila, morde):
 sim, com quem? _____ não
- e) Vocalização excessiva:
 sim, quando? _____ não
- f) Sujeira em casa:
 urina fezes ambos marcação não

Onde? _____

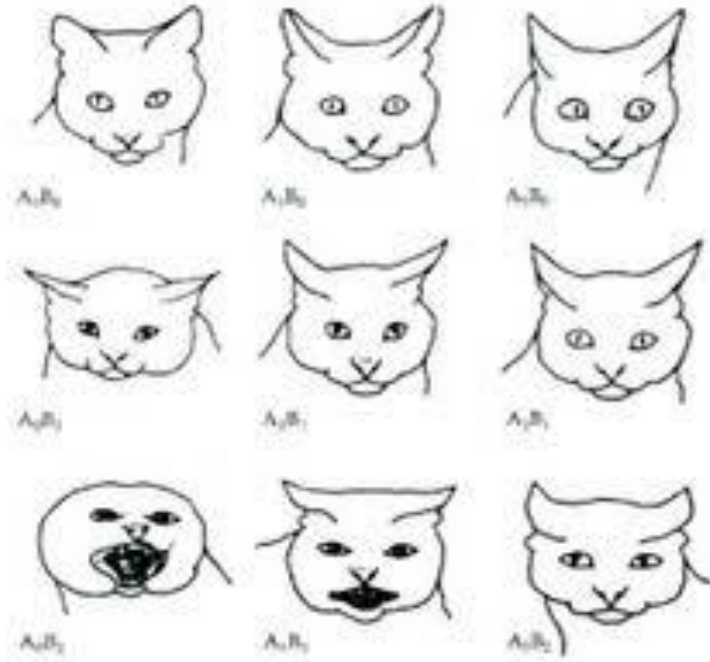
- g) Problemas de alimentação:
 apetite aumentado (come muito rápido e continua procurando comida)
 não come ou só come na presença de alguém
 nenhum
- h) Quando a lambedura:
 lambedura excessiva com falhas de pelos
 Suga (mama) alguma parte do corpo
 nenhuma
- i) Rouba alimentos:
 sim não
- j) Arranha móveis:
 sim, na vertical (sofá) sim, na horizontal (carpete) não

21) Costuma apresentar comportamento agressivo em alguma dessas situações?

- Quando está sendo acariciado sim não
 Quando está brincando sim não
 Quando alguém vai pegá-lo no colo sim não
 Quando está escondido sim não
 Quando vai ao veterinário sim não

Outra situação: _____

22) Qual das imagens melhor define a expressão de seu gato nos momentos de agressividade?(Marque um X na opção pretendida)



nenhuma

23) Qual o motivo da ida ao atendimento veterinário?

24) Já teve algum problema de saúde? (principalmente cistite e lipidose)

sim, qual? _____ não